

INSTITUTO	
<b>Documentação</b>	
SOCIOAMBIENTAL	Revista da Folha (FSF)
Fonte	
Data	19/11/2000 Pg 79
Class	120

**black** [por Joni Anderson]

## Quilombos modernos

**M**aria de Fátima dos Santos é uma mulher negra, de 41 anos, que mora em Boa Vista dos Negros, uma das 19 comunidades do município de Parelhas, no sertão do Rio Grande do Norte. Há seis anos, formou-se professora e está apta a dar aulas para crianças da primeira a quarta série.

Filha de pequenos e pobres agricultores rurais, ela, como tantos outros brasileiros, conhece bem a dureza da vida. Ainda criança, caminhava mais de duas léguas diárias para chegar à escola. Aos 16 anos, na oitava série do primeiro grau, abandonou as aulas para migrar com a família para uma área mais produtiva.

Aprendeu a dar valor aos estudos. Só bem mais tarde, por força de vontade, voltou para a sala de aula. Aos 34, terminou o magistério. Antes disso, engravidou e teve Alisson, 10, um garoto sorridente, que ouviu atento a história da mãe. Como não conseguiu emprego como professora, Fátima é hoje uma empregada doméstica. Ganha pouco mais de R\$ 100 por mês.

Esperançosa, já passou em dois concursos de serviços gerais, mas continua esperando na fila classificatória. Mesmo capacitada, ela tem pela frente uma cruzada ainda mais difícil. Acontece que, no interior do Rio Grande do Norte, negros são acintosamente discriminados por serem negros. É fácil manipular resultados e impedir que as pessoas ascendam por serem negras.

Assim como Maria de Fátima, outras professoras negras vivem de subemprego, enquanto as crianças crescem no analfabetismo. Professoras, só brancas. A realidade não é diferente em outros Estados brasileiros e com outras profissões.

O sonho de Maria de Fátima de um dia voltar a dar aula está cada vez mais distante. Sua

capacitação depende também de concursos e cursos pedagógicos que a atualizem profissionalmente. Mas Fátima não é rancorosa. Acha que o racismo que sofria quando criança está mais atenuado hoje.

Conto a história de Maria de Fátima, negra batalhadora que conheci recentemente numa viagem a Natal, porque o número de e-mails de leitores não negros tem aumentado, assim como aqueles que apontam a repetição dos temas dessa coluna e de minha postura aparentemente lamentosa.

Ao contá-la num espaço lido por mais de um milhão de pessoas, minha esperança é de que experiências assim comovam pessoas dispostas a enxergar além do convencional e mudem alguma coisa nesse país falsamente democrático na questão racial.

Maria de Fátima, assim como tantas outras, vai ficar como está. Nessa semana em que se comemora o Dia da Consciência Negra, sua história merece ser, ao menos, repercutida. Continuo não acreditando nessas estranhas coincidências, quase sempre desfavoráveis aos negros.

★

Conheci Maria de Fátima por meio do antropólogo Geraldo Barbosa, um estudioso competente da cultura negra e assessor de Boa Vista dos Negros desde 1988. Responsável pelo mapeamento das comunidades negras do Rio Grande do Norte, ele acaba de fundar uma ONG. Com o estudo que coordena Barbosa pretende elaborar planos de desenvolvimento local, sustentável e multidimensional.

Ou seja, de posse dessas informações, seria possível elaborar projetos para melhorar a educação, a auto-estima, as condições de vida e o exercício de cidadania e política desses negros



Maria de Fátima dos Santos, 41, e o filho Alisson, 10

potiguaros isolados em quilombos modernos.

Se realmente existisse interesse, planos assim seriam capazes de mudar esse quadro negativo em apenas dois anos. A própria comunidade, com seus recursos, encontraria a melhor solução para equilibrar a questão racial. A educação é o único caminho.

“O que existe é uma relação feudal, centralizada e comandada por uma oligarquia branca, que acaba determinando as relações socioculturais, políticas e até religiosas, além de controlar a informação. O medo afeta a auto-estima e tudo permanece como está”, diz Barbosa.

e-mail: [jonianders@uoi.com.br](mailto:jonianders@uoi.com.br)